

OFICINA DE BONECAS ABAYOMI: UM INSTRUMENTO DA PRÁXIS EDUCATIVA NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO PARA A LUTA ANTIRRACISTA. – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Francisco Weverton Paula dos Santos ¹

Amanda Rocha Lima ²

Luiz Gustavo Barbosa Cruz ³

João Vitor Andrade Santos ⁴

Jéssica Martins Guedes ⁵

RESUMO

A luta antirracista é um processo contínuo, tanto na escola, quanto fora dela. Dessa maneira, visando produzir uma educação que “transgrida fronteiras”, tal qual aponta bell hooks (1994), surge o projeto “Oficina de Bonecas Abayomi”. A boneca foi criada pela artesã maranhense Lena Martins no final da década de 1980, e representa um símbolo para a cultura afro-brasileira. Através da ação, objetivávamos inserir os alunos no debate da luta antirracista, utilizando a confecção como ponte para debater acerca da herança africana no Brasil, e reafirmação das identidades negras. Neste trabalho, pretende-se explicitar a experiência relativa à realização e observação da atividade, e entender como podemos aplicar os conceitos, em uma aula não tradicional. A atividade foi conduzida pela pedagoga Nara Camilo, e se deu em 4 momentos. No primeiro, fez-se a contação de história do livro infantil “Quanta África tem no dia de alguém” da Renata Fernandes (2022), introduzindo o debate acerca da herança africana no Brasil. O intuito dessa primeira ação, tem como base a premissa freiriana (1996) de aproximar os alunos do tema a partir de suas realidades (nesse caso a partir do dialeto presente nos seus cotidianos). Logo após, são dadas instruções para que os alunos possam realizar a confecção das bonecas, seguindo para o último momento, no qual se é feito um apanhado geral com os alunos sobre a atividade e as questões que a envolvem. Os resultados do projeto se mostram satisfatórios, com amplo engajamento por parte do corpo discente da escola. Apenas das turmas de 6º ano, cerca de 63 alunos se voluntariaram a participar do projeto, demonstrando propriedade nas discussões, conseguindo articulá-las com a atividade prática. Portanto, o projeto visa pôr em prática mecanismos pedagógicos, demonstrando a práxis dos conceitos vistos na academia, em sala de aula.

Palavras-chave: Educação Antirracista, Práxis Educativa, Pedagogia Libertadora, Transgressão, Bonecas Abayomi.

¹ Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, weverton4140@gmail.com;

² Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, amandarchliam@alu.ufc.br;

³ Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, Lgustavocruzbarbosa@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, jva.santos12@gmail.com;

⁵ Mestre pelo Curso de **História** da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jmartinsguedes@gmail.com;





INTRODUÇÃO

A elaboração do presente trabalho se dá a partir do desenvolvimento da experiência compartilhada na escola municipal em tempo integral Maria da Hora, localizada na cidade de Fortaleza, Ceará. Este, foi viabilizado por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e tem como ponto de partida a atividade da oficina de bonecas Abayomi, que ocorreu no dia 11 de junho de 2025, com alunos do 6º ano. Através da observação da atividade, busca-se entender sobre as dificuldades no desenvolvimento de uma consciência histórica que esteja atrelada à luta antirracista, assim como refletir de que maneira podemos unir a práxis educativa no decorrer da atividade.

A boneca abayomi foi criada pela artesã Lena Martins na década de 1980. Lena decide cria-la em meio as discussões acerca da comemoração de 100 anos da abolição da escravidão. Com os seus muitos anos de experiência, Lena cria uma boneca feita basicamente de tecido e nó, tornando-se um símbolo para a cultura afro-brasileira. Através da confecção desta, podemos dialogar com as mais variadas questões que atravessam a criação da boneca e seus significados para a composição da memória dos afro-brasileiros.

A metodologia utilizada para avaliar a atividade teve abordagem quantitativa, que levou em conta o número de alunos inscritos, e qualitativa, priorizando a interpretação dos discursos e das interações a partir das questões propostas. Para isso, aplicam-se procedimentos para uma efetiva avaliação, com destaque para a observação dos participantes e a escuta ativa durante a realização da atividade. A escuta ativa buscou identificar as múltiplas camadas de significado presentes nas falas dos alunos, levando em conta tanto os aspectos positivos quanto os negativos das respostas, a fim de compreender suas percepções sobre identidade negra, herança negra no Brasil, apagamento histórico dessa população, dentre outras.

Aqui, pretende-se estabelecer um diálogo com alguns autores acerca da prática pedagógica, para a elaboração de mecanismos de maneira a colocar em prática a luta antirracista dentro da escola. Primeiro, entendermos a ideia de transgressão (1994), apontada por bell hooks. A partir do esclarecimento acerca da noção de hooks sobre o papel da educação, traçamos um paralelo com outras autoras como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, que priorizam outras narrativas quando se fala da História do povo negro.

Os resultados obtidos de maneira qualitativa, se mostram satisfatórios. A atividade foi feita com 3 turmas diferentes do 6º ano, mostrando ampla adesão. Através das inscrições,





pudemos constatar o total de exatos 63 alunos que tiveram interesse em participar da atividade. Destes, foram formadas duas turmas, com 31 e 32 alunos cada, para que pudessem participar da atividade em horários distintos. A partir da observação do desenvolver da atividade, pudemos notar um amplo engajamento por parte da turma, demonstrando que o ensino ativo, ao qual o aluno se faz enquanto protagonista do processo de aprendizagem, se mostra eficaz.

Portanto, concluímos que através da atividade proposta, é possível se utilizar de outros mecanismos de aprendizagem que não se limitam a uma aula tradicional. As metodologias e teorias vistas dentro da universidade, devem estar em constante exercício dentro do ambiente escolar, das mais variadas formas. É através do processo pedagógico e do processo da socialização do conhecimento, que nós professores, podemos contribuir para a luta antirracista.

METODOLOGIA

A atividade desenvolvida na Escola Municipal de Tempo Integral Maria da Hora, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi conduzida pela pedagoga Nara Camilo, e se deu em 4 momentos. O primeiro, foi dedicado para apresentação e introdução acerca da artesã Leda Martins, responsável pela criação da boneca. Em sequência, a pedagoga inicia a leitura do livro “Quanta África Tem no Dia de Alguém”, de Renata Fernandes. O terceiro momento, foi dedicado para confecção da boneca, seguido para o último, reservado para interação e escuta ativa dos alunos acerca dos assuntos tratados. Cada momento tem o intuito de atingir um objetivo ou se utilizar de um mecanismo próprio. Durante todo o percurso de sensibilização e interlocução foi desmistificado a ideia de que a história da boneca abayomi estaria ligada ao tráfico transatlântico, oportunizando, assim, a construção da interpretação da história à luz dos fatos.

A escolha dos estudantes que participaram da atividade se deu de maneira voluntária. O aluno que manifestasse interesse, seria inscrito. A fim de divulgar o evento de maneira assertiva e direcionada, evitando que a informação passasse despercebida pelos estudantes, o anúncio foi feito em sala. O intuito era captar o máximo possível de alunos, visto que se este fosse feito em um ambiente extra sala de aula, poderia ter menor aderência.





A ideia inicial era que pudéssemos aplicar essa atividade com todas as turmas de 6º e 7º ano (ciclo I do fundamental II). Ao final das inscrições das turmas de 6º ano, notamos um alto número de inscritos, demonstrando engajamento por parte dos alunos. Como o intuito era atingir o máximo de alunos possível, decidimos então, limitar a atividade para as turmas do 6º ano, de maneira a garantir ampla participação daqueles que se inscreveram para a atividade, e restringir a faixa etária, para uma melhor avaliação dos números.

Então, os alunos inscritos foram divididos em duas turmas, cada uma contendo um total de 30 alunos. A divisão se fez necessária para que pudéssemos ter uma maior atenção e acompanhamento desses alunos, garantindo que todos pudessem aproveitar cada etapa. A atividade então foi dividida em 4 momentos. O primeiro momento foi reservado 10 minutos, o segundo 15 minutos, o terceiro 20 minutos e o quarto 15 minutos, totalizando 1 hora de atividade realizada com cada turma formada.

A primeira parte da atividade foi destinada para apresentação e introdução de Lena Martins, artesã responsável pela criação da boneca. Lena nasceu em São Luís do Maranhão, e logo cedo se mudou para a cidade do Rio de Janeiro, se engajando em movimentos sociais, principalmente o movimento negro, moldando assim o tipo de trabalho que a artista viria a produzir. Na década de 1980, em meio a comemoração de 100 anos de abolição da escravidão, a artesã decide então criar a Abayomi, uma boneca negra feita inteiramente com tecido e nó. Essa primeira parte tem como objetivo, desmistificar o mito de criação acerca da boneca. As histórias por trás da criação remontam aos tempos dos navios negreiros, nos quais as mãos escravizadas fabricavam a boneca com tecidos da própria vestimenta, para tornar a viagem menos dolorosa para suas crianças. Através dessa etapa buscamos evitar a disseminação do mito fundador da boneca Abayomi, de maneira a viabilizar e valorizar o trabalho de Lena Martins, assim como propagar a história da população negra no âmbito da representatividade e resistência, e não uma narrativa que se limita ao sofrimento.

A segunda parte se deu através da contação de história do livro “Quanta África Tem no Dia de Alguém”, de Renata Fernandes. O livro traz de maneira curta e ilustrada, uma narrativa do dia a dia de duas crianças, contando uma história repleta de palavras de origem africana que fazem parte do nosso cotidiano. Aqui, busca-se através do método freiriano, um processo pedagógico que une a vivência dos alunos ao que se objetiva refletir. Neste caso, através de palavras presentes no cotidiano do aluno, tais como: cochilo, minhoca, banguela, gangorra, quitanda, dengoso, e muitos outros, busca-se aproximar o aluno acerca da reflexão





sobre as nossas origens, e de que maneira a África nos atravessa. A ideia, portanto, foi introduzir os alunos no debate, para que estes possam refletir acerca da herança africana no Brasil.

A terceira parte foi reservada para a confecção da boneca propriamente dita. Os alunos foram acompanhados passo a passo de como se dá o surgimento da boneca, cada etapa sendo feita de maneira paulatina e processual, seguindo a velocidade da turma para que todos pudessem estar equilibrados quanto à etapa e desenvolvimento da boneca. A ação contou com a participação de cerca de 6 bolsistas, da palestrante e da supervisora, de maneira a garantir o acompanhamento dos alunos na fabricação da boneca. Foi disponibilizado tecidos pretos (para fabricação do corpo da boneca), e tecidos estampados (para fabricação das indumentárias, acessórios e utensílios da boneca), e tesouras. A boneca é feita basicamente com tecido e nó, o que permite um menor nível de complexidade e melhor otimização do tempo. Esta etapa consiste em garantir que o aluno, através da fabricação da boneca, possa refletir acerca das questões abordadas nas discussões. Ela garante que o aluno seja sujeito ativo e o centro no processo da aprendizagem.

A última etapa, reservou-se para discussão e escuta ativa dos estudantes acerca da atividade tratada, tal qual as questões que a englobam. Os alunos puderam relatar acerca da experiência, articulando suas percepções sobre o desenvolver da atividade. Pudemos também, refletir sobre as questões que atravessam a atividade proposta: negritude, herança africana, representatividade, autopercepção, experiências pessoais, e a luta antirracista. A intenção é de resgatar nesse espaço, noção de coletividade, festividade, cooperatividade presentes na ancestralidade africana, fugindo das abordagens tradicionais acerca da História do povo negro.

Os dados coletados para realização da atividade foram feitos de maneira quantitativa e qualitativa, considerando o número de inscritos na atividade, o engajamento por parte dos alunos, a interação destes na atividade proposta e a habilidade dos alunos em vincular as discussões com a atividade proposta. A escuta ativa dos alunos se mostrou fundamental para entender a percepção dos alunos acerca do tema, assim como o nível de discussão destes com o diálogo proposto no parágrafo anterior.

REFERENCIAL TEÓRICO





O presente trabalho visa dialogar com alguns conceitos utilizados por autoras negras, que são primordiais para elaboração e análise da atividade observada. A ideia de uma educação que “transgride” fronteiras, apontado por bell hooks (1994), a noção de Quilombo, proposto por Beatriz Nascimento (2021) e o “pretoguês” cunhado por Lélia Gonzalez (2019), estão em constante diálogo com a atividade proposta, e com uma nova perspectiva da luta antirracista.

bell hooks, inspirada em Paulo Freire, irá entender a educação como ferramenta política e libertadora daqueles que são agentes no processo de aprender e ensinar. Entender a educação como ato político, é ter a percepção desta enquanto um processo socializado, onde todos os indivíduos fazem parte. A autora escreve a partir de sua vivência enquanto aluna e professora negra, onde remonta seus tempos no ensino básico nas escolas negras, não deixando de compará-lo com o ensino superior hegemonicamente branco. hooks percebe a partir daí, uma diferença crucial: a universidade em que ela está inserida, diferentemente das suas professoras negras, não tinha um objetivo libertador, muito menos era aberta ao diálogo. A educadora, tenta resgatar na sala de aula o mesmo espaço que as suas professoras, na educação básica (antes do fim do apartheid nos EUA) estabeleciam. Era um espaço engajado, com propósito e abertura para um diálogo.

A professora trabalhava para que suas aulas se transformassem em comunidades pedagógicas, isto é, acontecessem como espaço/tempo de mudança nos quais ela e seus alunos desenvolveriam práticas engajadas, compromissadas e articuladas. O entusiasmo necessário, que nos ensina a autora, é aquele que muda professores autoritários e alunos “resistentes”. A sala de aula transforma-se numa comunidade pedagógica com entusiasmo, pois tudo é gerado pelo esforço coletivo. É necessário que os envolvidos – professores e estudantes - reafirmem e pratiquem a mudança, para tanto precisam reconhecer o poder que têm em mãos e a luta que travarão contra as estruturas autoritárias e mantenedoras de uma educação que prevê hierarquia, obediência e distância entre discentes e docentes. (Costa, 2021, p. 3)

Transgredir, portanto, é o ato de superar fronteiras sistêmicas estabelecidas de maneira estrutural, como o racismo, sexismo, classismo e etc. A educação deve, ser chave central na luta antirracista.

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (Hooks, 2017, p.174)

A partir da ideia de ambientação pensada pela autora no processo educativo, utilizamos do conceito de Quilombo, proposto pela historiadora Beatriz Nascimento em seus estudos acerca do assunto, para estabelecermos uma outra relação de espaço no processo educacional. A ideia é criar um espaço onde todos os agentes envolvidos façam parte do processo e da





socialização do conhecimento, gerando o sentimento de pertencimento que move o aluno a se perceber enquanto um agente dentro da dinâmica.

Beatriz Nascimento (2021), propõe a ideia de Quilombo para além daquela estabelecida pela historiografia tradicional. Quilombo, não era (ou não é), somente um lugar de fuga das pessoas escravizadas, mas também um lugar de “assentamento social e organização que criam uma nova ordem interna e estrutural” (NASCIMENTO, 2021, p. 124). Segundo a autora, o Quilombo é o resgate da ancestralidade, é a coletividade, é o desejo de se constituir uma sociedade, e a ausência de conflitos. É a partir dessa noção de Quilombo, que a autora ressalta as continuidades históricas, identificando os quilombos da contemporaneidade nos seus mais variados aspectos e lugares. A perspectiva de Quilombo, discutida pela historiadora, abre margem para outros autores que irão discutir sobre o processo de “Aquilombamento”, notando que este não é um conceito preso somente a um recorte espacial e temporal, mas existe nas suas mais variadas formas.

“Continuidade histórica é um termo ainda mais abstrato que a ‘sobrevivência’ ou ‘resistência cultural’ dos antropólogos. A continuidade seria a vida do homem – e dos homens – permanecendo aparentemente sem clivagens, embora achatada pelos vários processos e formas de dominação, subordinação, dominância e subserviência. Processo que aconteceu, ao longo desses anos, com aqueles que, em nossas abstrações, se englobam na categoria de negros (NASCIMENTO, 2021, p. 139).”

Assim, o que se propõe é um resgate de alguns aspectos das sociedades quilombolas, para que possamos pensar uma nova dinâmica no processo pedagógico e na luta antirracista. A noção de coletividade, cooperatividade, harmonia e festividade, podem ser utilizadas como ferramentas para as “comunidades pedagógicas”, proposta pela Bell Hooks, para pensar uma nova relação com o processo pedagógico.

Por último, podemos retomar a ideia do método freiriano de aproximação, utilizado na leitura do livro “Quanta África tem no Dia de Alguém”, de Renata Fernandes. Quando se fala de herança africana no Brasil, uma das coisas mais significativas é a linguagem. A variação de palavras de origem africana presente no nosso dia-a-dia são incontáveis. Levando em consideração a grande relevância da África no nosso dialeto, a autora Lélia Gonzalez estabelece um novo conceito que irá englobar essas influências: o pretoguês. O pretoguês, junção das palavras preto + português, é quase autoexplicativo. Ele estabelece a relação de influência que os povos africanos têm no nosso dialeto. Daí a utilização do método freiriano: estabelecer uma proximidade a partir da linguagem. O que poderia ser mais próximo da realidade dos alunos, se não a linguagem? E o que poderia ser mais útil para entenderem a herança africana, se não o que está mais próximo destes?



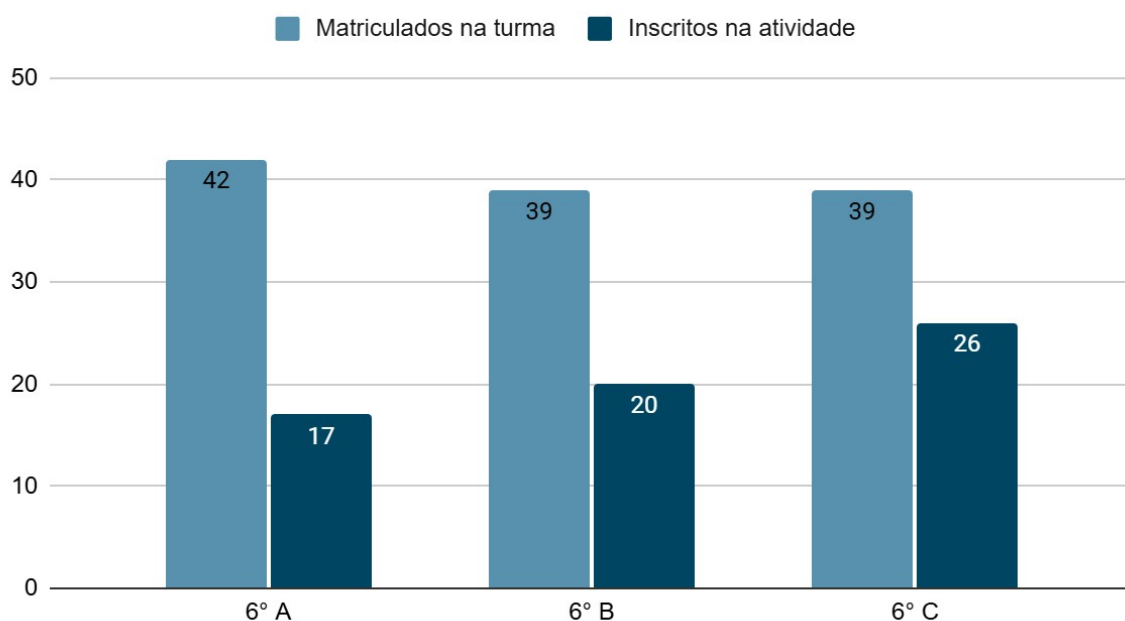
Para bell hooks, a linguagem estabelece na população negra uma dúbia relação. Primeiro, nas experiências de colonialismo e do sistema escravista, as pessoas diáspora tiveram sua língua apagada em detrimento da estabelecida pelo colonizador. Depois, em um processo de readaptação, a língua é tomada para si, reinventando-a. Apesar da autora falar a partir do contexto estadunidense, a ideia estabelecida por Lélia Gonzalez, do “pretuguês”, é semelhante. Pensando nisso, podemos pensar na língua como ferramenta de aproximação dos alunos acerca do conteúdo proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontados no estudo, tem abordagem quantitativa, levando em consideração o número de inscritos na atividade, e os qualitativos, avaliando o engajamento por parte dos alunos, interpretação de seus discursos, observação e escuta ativa, percepção dos alunos sobre as temáticas abordadas, etc.

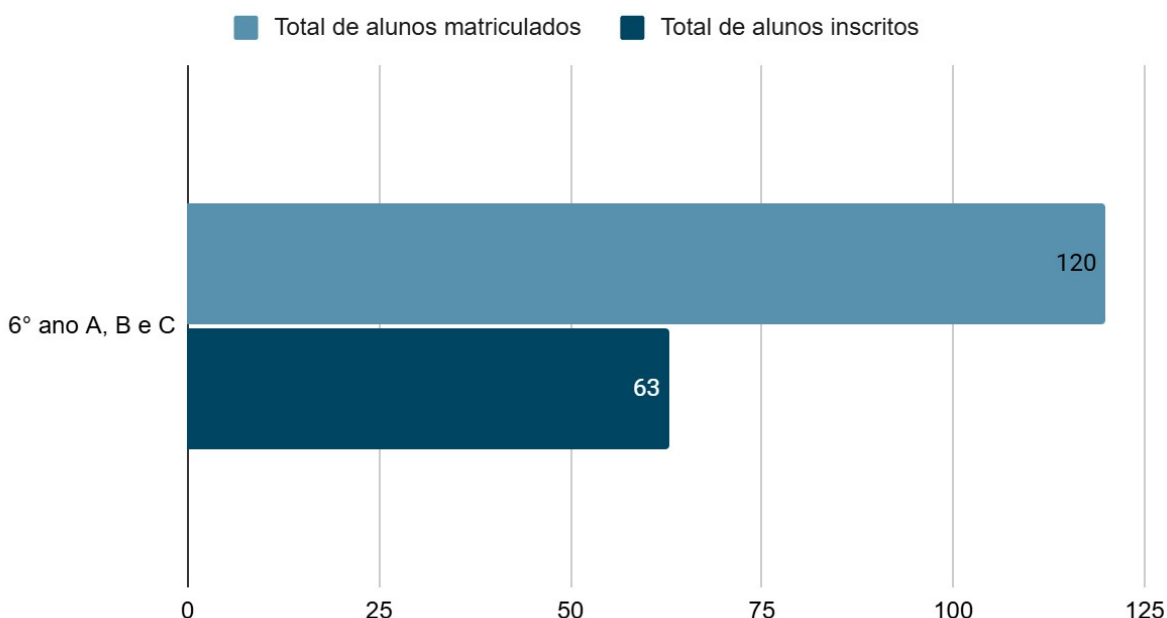
Como explicitado anteriormente, o estudo amostral se restringiu a turmas de 6º ano. No total, a escola dispõe de 3 turmas diferentes, A, B e C. O intuito era realizar um estudo focalizado, de maneira a garantir amplo acesso à atividade com alunos dessa faixa etária, e compará-los entre si, sem que o fator da variação da idade possa interferir nos resultados. Segue a relação do número de inscritos:

Relação de inscritos



Conforme podemos observar no gráfico, a relação de inscritos em comparação ao número de alunos matriculados em sala de aula, teve resultados satisfatórios. Vale ressaltar que a inscrição da atividade foi feita de maneira voluntária, sem sistema de pontuação extra. Através dos resultados obtidos, podemos verificar que nas turmas B e C, mais da metade dos alunos matriculados se inscreveram na atividade, enquanto na A, turma mais numerosa, menos da metade demonstrou interesse em participar. Para explicação desse ocorrido, devemos levar em consideração outros fatores não programados, como o número real de alunos presentes no dia da inscrição, e no dia da atividade, e o número de alunos que estão matriculados, mas não frequentam a escola.

Relação de inscritos 6° A, B e C



Quando olhamos a relação de todos os 6° anos juntos (A, B e C), 52,5% é a porcentagem que representa a quantidade de alunos que se interessou em participar do projeto. Ou seja, mais da metade dos alunos se voluntariaram a participar da atividade, mesmo sem sistema de pontuação extra, ou outro vetor motivacional.

Outro aspecto que se mostrou eficaz, foi a divulgação direcionada. Ou seja, a divulgação dentro de cada sala de aula, garantiu que a informação acerca da atividade não passasse despercebida, diferente de outros meios de divulgação como cartazes, panfletos ou a divulgação em ambientes extra-sala de aula.

Quanto aos aspectos qualitativos presentes no desenvolver da atividade, elas se mostram satisfatórios. Cada etapa da atividade contou com um objetivo, e em linhas gerais esses objetivos foram alcançados. Com relação ao mito fundador da Abayomi, buscou-se





desmistificá-lo através da apresentação de Lena Martins, criadora da boneca. Aqui, tinha-se dois objetivos: primeiro, exaltar o trabalho da artesã Lena Martins, e segundo, mostrar aos alunos uma outra ótica da população negra, que fuja do sofrimento. Os alunos, assim, puderam ter acesso a uma outra narrativa, onde Lena Martins, mulher negra engajada em movimentos sociais, na tentativa de valorização de um povo e uma cultura, cria a Abayomi.

Através da observação da atividade, consideramos efetivo a segunda etapa, de contação de história do livro “Quanta África tem no dia alguém”. O objetivo era fazer com que os alunos pudessem se aproximar da temática da herança africana no Brasil através de algo presente no cotidiano deles. Nesse caso, foi a língua.

A terceira parte, de confecção da boneca em si, tinha como objetivo a participação ativa. Através da confecção da boneca, o aluno poderia se sentir peça fundamental no processo de aprendizagem, utilizando disto como um estímulo para engajar-se na atividade. Com isso, podemos abrir espaço para uma reflexão dos assuntos pré-estabelecidos na confecção.

Por último, entramos na última etapa do processo, a de um diálogo compartilhado acerca dos assuntos centrais que permeiam a atividade. É nessa parte do processo, que podemos nos utilizar da escuta ativa dos estudantes, e avaliar de que maneira eles conseguem vincular a atividade prática proposta com as temáticas estabelecidas.

Os resultados obtidos se mostram satisfatórios. Os alunos se apropriaram bem das temáticas propostas, a partir da complexidade esperada para a faixa etária destes, assim como um excelente articulador entre a atividade prática e as questões que giram em torno desta. A partir da observação do desenvolver da atividade, pudemos notar um amplo engajamento por parte dos estudantes, demonstrando que o ensino ativo, ao qual o aluno se faz enquanto protagonista do processo de aprendizagem, se mostra eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos e da discussão proposta, podemos concluir que o ensino engajado e a luta antirracista devem ser realizados em conjunto. O processo pedagógico deve estar em constante exercício e renovação. Pensar pedagogicamente, é entender que escolhas devem ser feitas, e são essas escolhas que o tornam político. A luta antirracista, assim como o processo pedagógico, pode ser realizado a partir do resgate da ancestralidade negra. O ato de ensinar, que leva em conta todos os agentes envolvidos, pode ser exercitado a partir da premissa de uma comunidade pedagógica, apontada por hooks (1994).





A coletividade, harmoniosidade, e sentimento de pertencimento, gera indivíduos engajados. Essas são características já identificadas nas comunidades negras, como os Quilombos. Essas particularidades podem ser resgatadas e pensadas dentro do processo pedagógico, como uma efetiva ferramenta da socialização do conhecimento. O professor deve pensar nesses critérios como uma maneira de colocar o aluno como agente central na socialização do conhecimento. Articular as ideias de Freire, e outros pensadores da educação em sala de aula, pode se mostrar mais efetivo se associado às ideias discutidas pelas autoras citadas neste trabalho. Fugir das amarras estabelecidas em uma aula tradicional é fugir de um sistema estabelecido pelo colonialismo e pelo imperialismo. É tornar efetivo o processo de socialização do conhecimento, e tornar efetivo a luta antirracista a partir do resgate da ancestralidade negra.

AGRADECIMENTOS

Aqui, cabe um agradecimento especial à Nara Camilo, pedagoga responsável pela execução e orquestra da atividade. Sem ela, a atividade provavelmente não teria sido realizada.

Também agradeço à Jéssica Guedes, professora supervisora do núcleo Maria da Hora. O apoio da docente, compreensão, profissionalismo e amizade, foi primordial para o desenvolvimento da atividade e da escrita do trabalho.

Grato também ao núcleo de bolsistas Maria da Hora, que deu assistência na execução da atividade. São eles: Amanda Rocha, João Vitor, Luiz Gustavo, Camile Negreiros, Letícia Camurça, Davi Reis e Alexsamy Almeida. Maria da Hora é sinônimo de coletividade e cooperatividade.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020





KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

COSTA, . F. Resenha da obra: *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, de bell hooks*. *REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA*, [S. l.], v. 13, n. 31, p. 949–957, 2021. DOI: 10.58422/repesq.2021.e1182. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1182>. Acesso em: 17 out. 2025

